

NEM SEMPRE TODAS AS PROPAROXÍTONAS SÃO ACENTUADAS: UM ESTUDO SOBRE A GRAFIA DO ACENTO NOS DADOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

LUANDA ALVARIZA GOMES NEY¹; ANA RUTH MORESCO MIRANDA²

¹Universidade Federal de Pelotas (PPGE – FaE) – luandaalvariza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (PPGE – FaE) – anaruthmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho contempla a análise da grafia de proparoxítonas nos dados de escrita infantil. Considerando o caráter marcado das proparoxítonas no português (BISOL, 1992, 1994; COLLISCHONN, 1996; LEE, 1994, 1997; AMARAL, 2002), nosso sistema ortográfico prevê a grafia do acento em todas as palavras deste grupo, fato que constitui a clássica regra: *todas as proparoxítonas são acentuadas*. O estudo aqui apresentado busca descrever e analisar a grafia específica dos vocábulos com acento proparoxítono, de modo que se possa discutir as tendências de uso do acento pelas crianças nas palavras proparoxítonas, estabelecendo-se relações com a fonologia e com a ortografia do português.

O acento ortográfico é um recurso importante para a escrita, uma vez que fornece ao leitor a indicação da pronúncia adequada das palavras, e, por conseguinte, do seu conteúdo semântico. Segundo LUFT (1991, p. 2750), “acentuam-se aqueles vocábulos que, sem acento, poderiam ser lidos ou interpretados de outra forma”. A partir funcionamento do acento prosódico do português, é possível explicar o sistema de acentuação gráfica estabelecido pelas convenções ortográficas. De um modo geral, os casos marcados, que se constituem como exceções aos padrões prosódicos da língua, são os que recebem o acento gráfico.

Na língua portuguesa, o acento alcança no máximo a terceira sílaba a contar da borda direita da palavra. A proposta de Bisol (1992, 1994) para análise do acento prosódico postula que nos casos não-marcados, o português atribui o acento primário a sílaba pesada final (‘a.mor’, ‘pas.tel’) ou constrói pés binários de cabeça à esquerda, partindo da borda direita da palavra: ‘(casa)’, ‘borbo(leta)’, ‘ca(chorro)’. A regra deve diferenciar verbos de não-verbos. Bisol (op. cit.) explica também os casos marcados, ou seja, proparoxítonas e paroxítonas terminadas em consoante ou ditongo. Em ambos os casos, minorias na língua, a incidência do acento é justificada pela extrametricidade, a qual é atribuída somente em segmentos de borda. Estes elementos, que podem ser sílabas ou codas, por serem extramétricos, tornam-se invisíveis à regra: ‘(árvo)re’, ‘(víru)s’, ‘(fáci)l’. Para oxítonas terminadas em vogais e monossílabos tônicos, a autora propõe a existência de uma consoante abstrata no final da palavra capaz de atrair o acento (‘caféC’, ‘cháC’). De acordo com Bisol, a consoante presente na forma subjacente, que confere o status de peso à sílaba final, manifesta-se nas formas derivadas: ‘cafezal’, ‘chaleira’.

Embora não haja unanimidade entre os pesquisadores sobre o estatuto das proparoxítonas no português, a maioria dos autores defendem a ideia de que o acento antepenúltimo é marcado ou não-natural para a língua. Sândalo (1999) propõe que a manutenção deste grupo de palavras na língua ocorre em função da pressão da gramática normativa. Por outro lado, ARAÚJO et.al. (2007, p.48) argumentam que “pessoas com baixa escolarização ou mesmo sem escolarização alguma também produzem palavras proparoxítonas”. Mesmo considerando sua baixa frequência absoluta, o processo de síncope da vogal na sílaba pós-tônica ou

a extrametricidade dos segmentos finais, bem como sua introdução tardia na língua, estes autores, com base em estudos estatísticos, sustentam a tese de que as proparoxítonas pertencem ao sistema da língua e merecem a mesma atenção destinada às paroxítonas e oxítonas.

Em síntese, poder-se-ia dizer que as proparoxítonas apresentam um contraste: ao passo que de um lado são marcadas e menos frequentes na língua, de outro, para a ortografia, apresentam uma regra geral: todas são acentuadas graficamente. Mesmo sendo consideradas desvios, do ponto de vista de quem aprende, a grafia das proparoxítonas parece ser a de mais fácil compreensão, já que para este grupo não há exceções: marca-se com o diacrítico a antepenúltima sílaba, sempre. Mas como isto se traduz nos dados de aquisição da escrita?

2. METODOLOGIA

A amostra analisada é constituída de 891 ocorrências de palavras proparoxítonas extraídas de 987 textos espontâneos escritos por crianças de 1ª a 4ª séries do antigo Ensino Fundamental de 8 anos. Os textos analisados pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE/FaE/UFPel) e foram produzidos a partir de diferentes oficinas, todas realizadas por bolsistas de iniciação científica, em duas escolas do município de Pelotas/RS, uma pública e outra privada.

Para o procedimento de análise dos dados, foram extraídas todas as ocorrências de palavras proparoxítonas encontradas nos textos. As chamadas proparoxítonas eventuais, como 'grêmio' e 'história', por exemplo, foram consideradas no estudo. Os dados foram classificados em cinco categorias (i) acertos, para grafia do acento de acordo com a norma, (ii) grafia do acento com tipo errado, (iii) omissão do acento, (iv) grafia do acento na sílaba trocada e (v) outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados permitiu verificar que o acento gráfico foi omitido em 68% do total das proparoxítonas grafadas, e que em 28% dos dados, as crianças utilizaram o diacrítico adequadamente. Em 4% das ocorrências, observou-se a grafia do acento, porém na sílaba inadequada. As demais categorias apresentaram baixos índices: dois casos de troca do tipo de acento: 'fémea', para 'fêmea', cinco casos classificados como outros: 'geméos' para 'gêmeos', no qual foram trocados o tipo e a sílaba acentuada; 'váríos' e 'helicóptero', com dois acentos na mesma palavra, sendo duas ocorrências para 'helicóptero' e uma ocorrência de 'fêméa'.

A distribuição das ocorrências de grafia de proparoxítonas pode ser verificada na Figura 1:

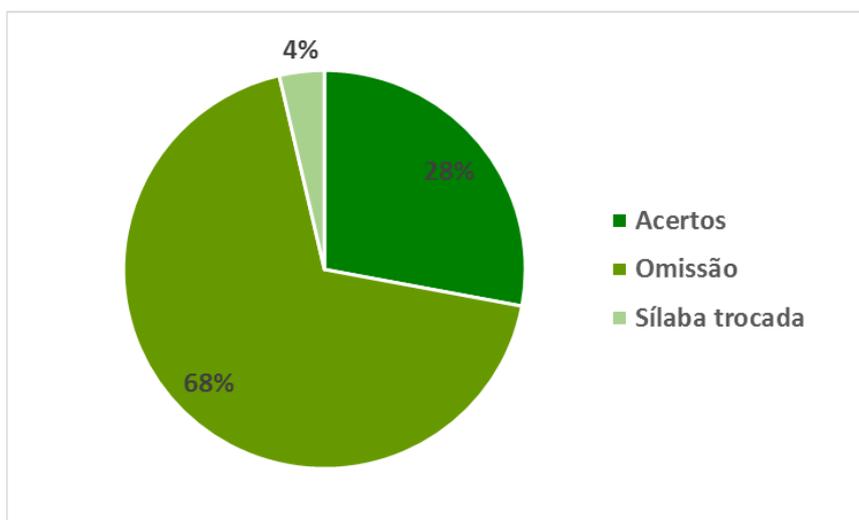


Figura 1 – Gráfico de distribuição das ocorrências referentes à utilização do acento gráfico nas palavras proparoxítonas

Como pode ser observado, o índice de palavras escritas sem o acento representa a grande maioria das ocorrências. Este dado vai ao encontro daqueles apresentados em Ney (2012), nos quais, de um universo de 3161 palavras que deveriam receber o acento gráfico, 48% foram escritas sem o diacrítico pelas crianças, sendo que 40% destas palavras são proparoxítonas. Ao analisar estatisticamente o efeito da variável *posição do acento* entre acertos e erros de acentuação, Ney (2012) também verificou que o grupo das proparoxítonas representa um contexto favorecedor ao erro, com índice de 72% de erros do total do corpus analisado.

Dentre o percentual de omissões, 18 casos chamam a atenção por não se configurarem apenas como a não-acentuação do vocábulo, e sim pela formação de estruturas que dispensam a grafia do acento:

Síncope	Apócope
'pispes' para 'príncipe' (2x)	'helicopte' para 'helicóptero'
'helecoptro' para 'helicóptero' (2x)	'princi' para 'príncipe'
'ridico' para 'ridículo'	'polici' para 'polícia'
'abobras' para 'abóboras'	'magi' para 'mágica'
'ispece' para 'espécie'	'nicorne' para 'unicórnio'
'popa' para 'própria'	

Quadro 01 – Exemplos de omissão do acento gráfico em proparoxítonas com perda segmental

De acordo com Amaral (2002), o processo de síncope é comum entre os falantes, os quais ajustam a estrutura proparoxítona para uma paroxítona, o padrão acentual da língua. Observa-se, portanto, que as crianças produzem, na escrita, tanto processos de síncope quanto de apócope, quando são suprimidos segmentos no final das palavras, cujos elementos são extramétricos. Além dos exemplos do Quadro 01, também foram encontrados os casos de 'família' e 'petrolho', ambas estruturas que, ao serem grafadas com a soante palatal, representam a pronúncia dos falantes e dispensam a acentuação.

Em 41% dos acertos, observou-se que o acento incide nas vogais médias-baixas /O/ e /E/. Ao analisar o efeito da qualidade da vogal na utilização do acento, as vogais médias foram apontadas por Ney (2012) como favorecedoras da grafia

correta do acento. Em análise estatística, Araújo et.al. (2007) verificaram que 37.2% das vogais tônicas das proparoxítonas da língua são médias-baixas. Estes dados contribuem para possíveis interpretações: (i) a maior frequência de vogais médias-baixas acentuadas na língua contribui para que o número de acertos seja maior; (ii) as vogais médias-baixas favorecem a grafia correta do acento em função da marcação do timbre vocálico, uma vez que, além da marcação de tonicidade, o acento pode agregar a informação de timbre aberto (˘) ou fechado (ˆ) da vogal.

Em 4% das ocorrências, identifica-se a grafia do acento, porém na sílaba inadequada, o que parece indicar que as crianças têm na sua representação gráfica a informação de que tais palavras são acentuadas, sem que, no entanto, encontrem apoio, em seu conhecimento sobre a relação entre o acento prosódico e o gráfico, acerca da posição em que este deve recair. O exemplo mais representativo é a grafia de 'passáros', com 11 das 32 ocorrências de acento na sílaba trocada.

4. CONCLUSÕES

Os resultados apresentados sugerem que, quando se trata de dados de aquisição da escrita, "nem todas as proparoxítonas são acentuadas", pois os dados de omissão nestas palavras são bastante expressivos. A hipótese de que, por se tratar de uma regra sem exceção, o grupo das proparoxítonas favorece a utilização adequada do acento não se corrobora, ao menos nos dados analisados. Cabe ressaltar que, de modo geral, a acentuação gráfica não é um conteúdo a ser explicitado nas séries iniciais, fato que pode vir a ser repensado, já que as crianças, desde a primeira série, utilizam o acento na escrita, valendo-se das informações gráficas que a circundam e das hipóteses que vão construindo com apoio no seu conhecimento fonológico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, M. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L. & BRESCANCINI C. (Orgs.) **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2002.
- ARAÚJO, G. A.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, L.; VIARO, M. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, G. A. (Org.). **O acento em português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola, 2007.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 22, p. 69-80. Campinas/SP, UNICAMP, 1992.
- _____. O acento e o pé binário. **Letras de Hoje**, Porto Alegre/RS, PUC-RS, v. 29, n. 4, p. 25-36, 1994.
- COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 1996.
- LEE, S. H. A regra do acento do Português: outra alternativa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre/RS, PUC-RS, v. 29, n. 4, p. 37-42, 1994.
- _____. O acento primário do português do Brasil. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte/MG, v. 6, n. 2, p. 5-30, jul/dez 1997.
- LUFT, C. P. **Novo manual de português**. São Paulo: Globo, 1991.
- NEY, L. A. G. **Acentuação gráfica na escrita de crianças de séries iniciais**. 2012. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- SANDALO, F. **Acento e Sonoridade**. Artigo apresentado na reunião da ABRALIN, Florianópolis, 1999.